

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS DO SERTÃO**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**Cássia Keline Lacerda Silva**

**IDENTIDADE FEMININA ENTRE AS TECELÃS DO POVOADO**  
**SALGADO NO MUNÍCIPIO DELMIRO GOUVEIA - AL**

**Delmiro Gouveia**

**2018**

CÁSSIA KELINE LACERDA SILVA

**IDENTIDADE FEMININA ENTRE AS TECELÃS DO POVOADO  
SALGADO NO MUNÍCIPIO DELMIRO GOUVEIA - AL**

Artigo apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em História  
pela Universidade Federal de Alagoas.  
Orientadora: Profa. Me. Sheyla Farias Silva.

**Delmiro Gouveia  
2018**

S586i Silva, Cássia Keline Lacerda  
Identidade feminina entre as tecelãs do Povoado Salgado  
no Município Delmiro Gouveia - AL / Cássia Keline Lacerda  
Silva. – 2018.  
24 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico  
(Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas,  
Delmiro Gouveia, 2018.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.

1. História – Memória. 2. Mulheres. 3. Delmiro Gouveia.  
I. Título.

CDU 981.35-055.2

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/  
UFAL – Delmiro Gouveia

CÁSSIA KELINE LACERDA SILVA

**IDENTIDADE FEMININA ENTRE AS TECELÃS DO POVOADO  
SALGADO-AL**

Aprovado em 30/01/2018

Banca Examinadora

*Sheyla Farias Silva*

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Sheyla Farias Silva  
Universidade Federal de Alagoas

*Gustavo Manoel da Silva Gomes*

---

Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes  
Universidade Federal de Alagoas

*Sergiana Vieira dos Santos*

---

Profa. Ma. Sergiana Vieira dos Santos  
Secretaria Municipal de Educação Delmiro Gouveia

# IDENTIDADE FEMININA ENTRE AS TECELÃS DO POVOADO SALGADO NO MUNICÍPIO DELMIRO GOUVEIA/AL

Cássia Keline Lacerda Silva<sup>1</sup>  
Sheyla Farias Silva<sup>2</sup>

## **Resumo:**

Este artigo tem a intenção de trazer à tona experiências de mulheres tecelãs do Povoado Salgado, em Delmiro Gouveia, Alto Sertão Alagoano, enquanto protagonistas das narrativas históricas deste Povoado. Para isso, nos valem da literatura historiográfica sobre as mulheres, a partir da concepção introduzida pela Escola dos Annales, bem como de fontes orais. Neste cenário, discutiremos a construção da Associação Descanso de Rei formada exclusivamente por mulheres daquela localidade como instituição que possibilitou o fortalecimento da identidade feminina.

**Palavras-chave:** História. Mulheres. Identidade.

## **Abstract**

This article intends to bring to light the experiences of women weavers from the Salgado Village in Delmiro Gouveia, Alto Sertão Alagoano, as protagonists of the historical narratives of this town. For this, we use the historiographical literature on women, from the conception introduced by the School of Annales, as well as oral sources. In this scenario, we will discuss the construction of the Descanso de Rei Association formed exclusively by women from that locality as an institution that enabled the strengthening and visibility of women's identity.

**Keywords:** History. Women. Identity

## **INTRODUÇÃO**

O tema dessa pesquisa se deu através de uma conversa entre amigos, no qual o foco era as mulheres que trabalham dentro e fora da esfera doméstica. Daí surgiu a ideia de estudar as mulheres da tecelagem do Povoado Salgado, localizado no município de Delmiro Gouveia – Alagoas. Com a intenção de sugerir que seja lançado um novo olhar busquei apresentá-las

---

<sup>1</sup> Discente do curso de História da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Orientadora deste artigo e professora assistente do Curso de História/ UFAL/Campus do Sertão.

como sujeitos da história, para isso é de extrema importância analisar o papel delas em sociedade. Assim essa pesquisa vem ser acrescentada a diversos trabalhos que discutem sobre as mulheres e suas lutas para demonstrar que são capazes de assumir diversos papéis.

É importante retratar que desde o primeiro contato com as fontes a respeito da comunidade surgiu à dificuldade dessa pesquisa que é a escassez de documentos escritos, portanto a necessidade de se utilizar as fontes orais para poder trazer à tona essas mulheres trabalhadoras e retratar as suas experiências como tecelãs.

É evidente que para narrar às experiências das tecelãs do povoado Salgado torna-se necessário destacarmos o papel da Associação Descanso de Rei, ambiente onde elas se encontram para confeccionar as peças que expõem para a comercialização com o objetivo de melhorar suas vidas. Portanto, com a chegada da Associação ocorreram diversas mudanças na comunidade, às tecelãs que anteriormente confeccionavam as peças em suas residências dividindo o seu tempo entre as tarefas domésticas e o trabalho de tecer passou a possuir um ambiente próprio para desempenhar o seu trabalho. O espaço físico é dividido em três cômodos onde se encontram os teares, a matéria-prima e as peças para serem comercializadas, sendo que a confecção desses produtos é realizada manualmente.

É necessário frisar que diversas mulheres da comunidade conhecem o ofício de tecer tanto as mais velhas quanto as mais novas. No entanto, poucas realizam, pois a lucratividade é mínima por ser um trabalho com pouco reconhecimento. Com isso na busca de compreender o motivo que fez essas mulheres construírem a Associação e o que modificou na vida delas quando passaram a trabalhar fora do ambiente doméstico tive como suporte a Associação Descanso de Rei.

Podemos frisar que na comunidade homens e mulheres realizam diversas tarefas como bem retrata Dona Maria quando relata que na época da seca elas precisavam buscar a água no rio para que pudessem beber, fazer a comida e tomar banho, percebendo assim que ambos os sexos podem desempenhar qualquer atividade que se proponha. “Naquela época a gente carregava água do rio, dos tanques, carregava lenha do fim do mundo, lavava roupa no rio”.<sup>3</sup>

Diante disso, podemos perceber que as tecelãs vão reescrevendo a sua própria história como tecem os fios crus, derrubando barreiras antes intransponíveis e alcançando um lugar de destaque onde aparecem retratadas como realmente são: mulheres comuns que atuam em diversas áreas e buscam sair do silêncio em que se encontram há bastante tempo.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com a Dona Maria José Rodrigues Pereira em 17 de Novembro de 2017.

## **O SEXO FEMININO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

A história tradicional possuía uma predileção em descrever os episódios ocorridos, porém o ponto mais importante estava nos grandes eventos, no entanto lentamente os historiadores modificaram o interesse de pesquisa indo à procura de outros objetivos.

Podemos observar que a mulher participou ativamente dos acontecimentos que ocorreram na história, porém a historiografia exclusivamente realizada pelos homens privou-as de um protagonismo notório no fazer histórico enquanto sujeitos ativos, silenciando suas histórias. De acordo com Silva (2008, p 224) “Escrita fundamentalmente por homens, a narrativa histórica se absteve de incorporar às suas preocupações o sujeito feminino”.

Identifica-se na escrita da história que na maioria das vezes o homem é abordado como um modelo de força e coragem que merece ser destacado para ser lembrado pelos fatos que desempenhou. Assim com a intenção de dar visibilidade às mulheres na história as historiadoras tinham que percorrer o ambiente privado em busca de fontes históricas antes esquecidas pela historiografia tradicional, valorizando episódios simples e trazendo um amplo significado da participação feminina na história humana.

Considerando que as mulheres deram início a sua aparição na história de forma secundária, somente a partir dos anos 80 é que surge uma nova mulher com a habilidade de transformar o modo como é vista pela sociedade. Nota-se que existem documentos onde elas surgem como trabalhadoras dentro e fora do ambiente doméstico. No entanto, era vista com diferença pela sociedade por encontrar-se ocupando um lugar que não era considerado como seu.

Para tanto os estudos alcançados a respeito das mulheres apresentaram o seu início quando as mesmas passam a existir no mercado de trabalho e em seguida surgem diversas temáticas discutindo sobre o ambiente público e o privado. A partir de então passa a despontar um interesse por parte dos historiadores em investigar temas antes esquecidos, além de inserir novos sujeitos históricos como os negros, as mulheres, os índios entre outros que apareciam de forma secundária.

“Embora a história oficial as rejeitasse e as definisse como frágeis, dependentes, emotivas e incapazes, insistindo assim em mantê-las confinadas a esfera doméstica, há registro da presença marcante da mulher da classe popular trabalhando, dirigindo e/ou provendo o sustento da família”. (DRUMOND, 2006, p. 46)

Diante das circunstâncias não é somente acrescentar as mulheres na história, mas valorizar e dar visibilidade a sua atuação como sujeitos ativos no processo histórico, desconstruindo assim a ideia de que as mesmas só podem adentrar a história como coadjuvantes, a sombra da história elitista em que os “grandes” homens são os “privilegiados”.

Portanto, com a aproximação da História Social que surge com o interesse em pesquisar temáticas novas que irão trazer a tona sujeitos desconhecidos e que elas vão se tornando cada vez mais sujeito histórico passando a existir na historiografia, pois é revelada a participação ativa delas em sociedade.

Então para que isso aconteça é proposto que a palavra “mulher” seja utilizada no plural para “mulheres” englobando as diferentes especificidades das mesmas. A História Cultural procurou entender a construção da cultura entre os sexos e com isso é importante observar que as diferenças existem não apenas no meio de dois sexos mas também entre o mesmo sexo. Segundo RAGO (1995, p. 86) “As mulheres, portanto, ganham evidência, enquanto sujeito político, também pela historiografia, que as enraíza num passado glorioso e farto”.

Diante dos episódios aqui ressaltados chega-se a conclusão de que as mulheres são sujeitos da sua própria história atuando em todas as esferas da sociedade mesmo as que são consideradas inalcançáveis, no entanto elas persistem sendo discriminadas por irem à busca de ocupar cada vez mais o espaço considerado masculino.

Não se pode negar que as mulheres alcançaram muitas conquistas tanto no campo historiográfico sendo inseridas na história e tendo a sua identidade distinguida como sendo separada da do homem, quanto no campo do poder onde surgem atuando em cargos políticos e em profissões antes vistas apenas como masculinas, e adquiriram autonomia para assumir as suas escolhas, no entanto mesmo com toda essa modernização elas ainda se deparam com a resistência da sociedade que ainda insiste em uma hierarquia masculina. Portanto, essa história está longe de ser encerrada, pois permanecem muitos empecilhos para serem ultrapassados. “Assim, a revolução sexual, que tentamos medir, está inacabada. Em verdade, é interminável. Nesse ponto, como em todos os outros, não existe “fim da história”. (PERROT, 2012, p. 169)

## MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa é distinguida como sendo de cunho qualitativo, pois procura entender como as tecelãs do povoado Salgado se comportam entre si e em comunidade, para isso os métodos utilizados tiveram como base uma análise bibliográfica de referenciais teóricos onde para obter a coleta de dados foram empregadas como instrumentos as entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida seguidas de um roteiro previamente organizado e que, no entanto foi refeito ao longo dessa pesquisa, e também tirei proveito do uso de imagens.

Sendo que em uma conversa com a orientadora desse artigo definimos a escolha das entrevistadas que foram três mulheres que participaram da construção da Associação Descanso de Rei: a primeira Maria Ângela que trouxe diversas mudanças àquela comunidade, a segunda Dona Maria José que aprendeu a tecer aos sete anos de idade e atualmente exerce a profissão de professora e a terceira Maria Shirley que é a Presidente da Associação e tecelã.

O primeiro contato foi com a senhora Maria Ângela que me recebeu em sua residência no município de Delmiro Gouveia e como se me conhecesse a bastante tempo me relatou com certa melancolia no tempo de mais de uma hora um pouco sobre a sua história e sobre a história da Associação Descanso de Rei no qual percebi que ambas estão entrelaçadas. O segundo contato foi com a Dona Maria José e a Maria Shirley no qual fui recebida na residência de Dona Maria no Povoado Salgado onde as mesmas me relataram em pouco menos de uma hora com alegria o que vivenciaram e aprenderam na Associação onde percebi certa tristeza nas três entrevistadas quando falam sobre a tecelagem se encontrar desprezada, e por fim conheci a Associação Descanso de Rei com os seus teares e sua matéria – prima. Chegando lá me deparei com uma tecelã realizando o trabalho de tecer e logo percebi a habilidade que a mesma possui ao manusear o tear, e fiquei encantada com o que presenciei.

Assim notou-se que as entrevistadas relataram os fatos ocorridos através da memória, sendo que as mesmas participaram desses acontecimentos, e no qual deu – se atenção as palavras não – faladas e o sentimento das mesmas. Para tanto elas se utilizam de artifícios para recordar como, por exemplo: um lugar que as marcou como a Associação Descanso de Rei e também algum personagem importante que participou desta história. A memória dessas mulheres está ligada a tecelagem e, portanto possuem a memória coletiva e a memória individual desse acontecimento e recordam assim dos fatos importantes que ocorreram no coletivo e na vida de cada uma delas. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. (POLLAK, 1992, p.203)

Para isso, tive que empregar a história oral que se utiliza de relatos orais a partir das recordações desses indivíduos e assim começar a vivenciar o que acontecia no dia a dia dos mesmos e entender como conviviam em sociedade. Na opinião de (BURKE, 1992, p. 25) “Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos”.

Entende-se que a tradição oral ocorre quando os indivíduos relatam os fatos que presenciaram ou que escutaram, pois muitas vezes o indivíduo não participou do acontecimento, porém sabe relatar o que ocorreu isso acontece na cultura de uma comunidade que transmite de geração para geração a sua história. No entanto isso não prevalece na reminiscência pessoal que é o conhecimento que cada indivíduo adquiriu na vida sendo relatada apenas entre a família, com isso na intenção de sugerir que os grupos esquecidos façam parte da história os historiadores buscaram na reminiscência pessoal os relatos desses indivíduos.

Nota-se que tem que existir certa preocupação por parte dos historiadores em escrever a história oral, pois a mesma é transmitida através da memória dos indivíduos que realizam uma seleção sobre o que devem recordar e o que devem esquecer. Outro ponto é a cronologia que não possui uma definição correta, sendo que os historiadores tinham que realizar o uso das hipóteses para poder obter a datação dos acontecimentos. De acordo com (PRINS, 1992, P.188) “Seja em que caso for, a memória é sabidamente indigna de confiança e um teto inseguro quando comparada aos registros inanimados e imutáveis dos documentos, através dos anos em questão”.

Por fim, a presente pesquisa tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento sobre pesquisas que abordem cada vez mais as mulheres que lutam para modificarem a sociedade em que convivem.

## **NARRATIVAS SOBRE O POVOADO SALGADO**

A comunidade do Salgado se encontra situada no município de Delmiro Gouveia em Alagoas, um lugar de pessoas comuns. É válido enfatizar que a denominação Salgado ocorreu devido às crianças se divertirem em um riacho na região que continha pedras de sal. Em meados dos anos 1859 ocorreu um episódio importante: receberam a visita de Dom Pedro II que necessitava passar por aquela comunidade para visitar a cachoeira de Paulo Afonso onde

dormiu com sua comitiva na residência de Dona Joaquina na rede feita pela mesma. Segundo Ângela ‘A comunidade é presentada com a beleza da arquitetura natural que o Canyon do rio oferece’.<sup>4</sup>

Vale ressaltar, que a renda dessa comunidade ocorre pelos homens que realizam a pesca, pelas mulheres na confecção de produtos feitos em teares, e dos serviços públicos. Porém com a seca os homens deixam a pesca e vão procurar em diferentes localidades um emprego melhor, fazendo assim com que as mulheres assumam o lugar de provedora da família através do ganho com o seu trabalho de tecer, mesmo com esse trabalho elas conciliam o seu tempo entre tecer e os afazeres domésticos. Nesta localidade era cultivado o milho, o feijão e o algodão para sustentar a família e comercializar com a intenção de adquirir dinheiro, no entanto isso mudou, pois o clima é seco desfavorecendo a colheita. Conforme retrata a Ângela

‘Pequena parte da população sobrevive da economia local, através da pesca artesanal, tecelagem manual, serviços públicos, pensão e aposentadoria, sobressaindo às famílias que são mantidas com a renda vindas de outras regiões do país, deixando os homens, suas casas, partindo em busca de melhor qualidade de vida para a família’.<sup>5</sup>

As mulheres se destacam por realizar trabalhos manuais com tecidos produzindo lindas peças para utilizar em sua residência e vestuário utilizado para se trabalhar na roça, que é conhecido como tecelagem. O início da tecelagem no Brasil se deu através das índias com a necessidade de se protegerem do clima frio, as mesmas se aperfeiçoaram com a entrada dos portugueses no país que trouxeram os teares para a região. “No Brasil, algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem, as mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha”. (CASTRO, 2012, p. 2 )

Conforme o passar dos anos as tecelãs do Povoado Salgado logo notaram que essa atividade lhes produziria frutos se comercializada, então surge a necessidade de desenvolver essa atividade para obter alguma renda. Muitas dessas mulheres aprenderam a tecer na infância com suas mães onde ao invés de brincar iam tecer os produtos para obter algum lucro e com isso ajudar a família, assim aprendiam desde cedo a ter responsabilidade. Na época da seca naquela região meninas e mulheres tinham que ir a busca de água para as suas necessidades no rio, carregando baldes pesados com água, fazendo com que apareçam sem tanta fragilidade. Como relata Dona Maria

‘Com sete anos de idade logo já comecei a urdir rede, tece rede. Era tecendo, indo

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

pra escola, carregando água do tanguê, carregando lenha do mato, lavando roupa no rio e na tecelagem'.<sup>6</sup>

O trabalho de tecer é um trabalho informal realizado nas residências das tecelãs que ocorria de acordo com o tempo que elas tinham para desenvolver a peça, ocorria entre uma pausa das atividades domésticas. No entanto, essa era uma época muito difícil, pois a matéria-prima era dada pelo atravessador que recolhia as peças das tecelãs e exportava entre as regiões sudeste e sul do Brasil. Elas trabalhavam bastante para entregar a peça em um tempo limitado pelo atravessador e recebiam uma baixa quantidade pelo seu serviço, já o atravessador recebia uma boa quantia pela matéria-prima e pela comercialização das peças.

‘É porque era um atravessador. Era assim, elas eram tecedeiras ai tinha um homem que comprava o fio, a matéria – prima pra elas, dava um saco de fio pra elas entrega cinquenta, trinta rede. Ai elas pegava segunda pra entrega sexta, ai eles pegavam, iam pegando de uma artesã, de outra, enchia o caminhão e iam vender’.<sup>7</sup>

FIGURA 1 - Tear utilizado na Associação Descanso de Rei.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Com a criação do Grupo de Artesãs isso se modificou, onde elas passaram a comercializar as suas peças em uma sede cedida pela Associação Rural daquela localidade. De início era o Grupo de Artesãs Nossa Senhora Mãe Rainha no qual recebeu esse nome, pois as mulheres do povoado Salgado eram e permanecem sendo muito católicas.

É válido enfatizar que a Fábrica da Pedra uma empresa do município de Delmiro Gouveia que possuía como matéria-prima o fio cru, encerrou a sua produção no ano de 1980 por conta do fracasso dos seus administradores, decretando falência e só sendo reaberta anos depois por novos administradores e passando a comercializar tecidos. Considerando que esse

<sup>6</sup> Entrevista realizada com a Dona Maria José Rodrigues Pereira em 17 de novembro de 2017.

<sup>7</sup> Entrevista com a tecelã Maria Shirley Gonzaga dos Anjos em 17 de Novembro de 2017.

produto era utilizado pelas tecelãs do povoado Salgado que devido a esse acontecimento interromperam a produção chegando a passar por dificuldades financeiras, pois o mesmo não era fornecido por outras fábricas. Como descrito pela senhora Ângela ‘Na década de 80 com a falência da Fábrica da Pedra que fornecia o fio cru, para produção das peças do município, as famílias deixaram de tecer porque a fábrica era a única fonte de matéria prima’.<sup>8</sup>

Cabe realçar que a Secretaria de Agricultura esteve no povoado realizando uma investigação a respeito do que estava ocorrendo e chegou à conclusão de que aquela comunidade se encontrava na miséria. Portanto para mudar essa realidade foram à busca da senhora Maria Ângela extencionista social da EMATER/AL (Empresa brasileira de extensão rural do Governo de Alagoas) na intenção de que a mesma realizasse um projeto de reestruturação da tecelagem, e quando indagada a esse respeito disse o seguinte: - ‘Agora tem um município em Pernambuco pertinho da gente que tá com um trabalho mais aprimorado, aqui não pode ser mais qualquer coisa’.<sup>9</sup>

Admiti-se que com a chegada da EMATER/AL uma instituição fundada com a intenção de conceder uma melhor qualidade de vida ao lavrador isso se modificou. Onde a Ângela passou a se reunir com as mulheres incentivando as mesmas a voltarem ao trabalho, porém por notar que esse trabalho não é valorizado e também pelo aparecimento de emprego em cargos públicos arranjados por políticos, as mesmas foram se distanciando dessa arte.

‘Ai eu fui comecei a me reunir com as pessoas e tudo, só que as mulheres diziam: Eu quero lá mais peste de teal.  
O povo já estava com uns 2 anos e não queria mais trabalhar porque o povo vivia atrás de político, político daqui, politico dali’.<sup>10</sup>

Assim para mudar essa situação e impulsionar as mulheres a tornar a tecer a mesma se dispôs a ir para Pernambuco conhecer e aprender o trabalho que e realizado por lá, adentrando naquela localidade onde possui uma parenta residindo, iniciou um ciclo de amizades com aquelas pessoas que desenvolviam a tecelagem na região passando a frequentar as suas residências. Vale ressaltar que a mesma regressou ao povoado Salgado levando pessoas com a finalidade de realizar cursos, apresentando novas técnicas manuais de tecelagem para um tipo de tear mais moderno.

A senhora Ângela adquiriu um tear e levou para a residência de uma das moradoras que passaram a desempenhar um trabalho inovador com novas peças como: xale, cachecol, manta de bebê, passando a adquirir a matéria-prima em Caraibeiras–Pernambuco. Sendo que

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

a mesma passou a frequentar mais a comunidade do Salgado, chegando até a dormir por lá e voltar para Delmiro onde trabalhava.

“Eu não entendia de tecelagem, e fui aprender a tecer e trouxe gente pra ensinar a tecer nova forma, tudo manual do mesmo tipo de tear que elas tinham só que o tear era arrumado, mais sofisticado e eu comprei um pra o pessoal trabalhar”.<sup>11</sup>

Em meados dos anos de 1994 a mesma desenvolveu um projeto em parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no qual uma representante da empresa se dirigiu a região para observar de perto o trabalho que estava sendo feito. Chegando ao povoado ela se deparou com um trabalho realizado sem muitos recursos onde essa tarefa é desempenhada pelas mulheres.

A representante da UNESCO torcia para que fosse escolhido o projeto da tecelagem do Salgado, o valor para ser realizado esse projeto era 40.000 mil dólares que seriam investidos em teares manuais para em cada residência ter o seu. No entanto, o projeto que Ângela tinha em mente era outro: era de construir ali naquela localidade uma sede de tecelagem onde ficariam os teares e os fios para produzir, a mesma se encaminhou a Maceió para realizar o projeto, onde o mesmo foi aprovado, no entanto o valor estimado não apareceu na comunidade permanecendo somente na promessa. Segundo Ângela

‘O projeto saiu foi antes de ter aquilo que tem ali viu, saiu o dinheiro minha filha más ficou no meio do caminho, eu só recebi as mensagens que o dinheiro, que o projeto tinha feito. Que o dinheiro estava lá em Brasília e tal dia chegava em Alagoas, chegou em Alagoas mas não chegou na minha mão. 40.000 mil dólar, 40.000 mil dólar’.<sup>12</sup>

Logo após passou a existir outro projeto que foi do Governo Federal no valor de R\$11.000 mil reais que foi aprovado e teve a quantia destinada a construção da sede e aquisição do material necessário para a tecelagem: os teares e os fios crus. A partir de então a tecelagem passa a se desenvolver onde o lucro obtido é repartido em partes iguais a todas as tecelãs.

‘O da UNESCO era 40.000 mil dólar e do Brasil 11.000 mil. (risos) Mas e porque o valor era esse mesmo do que a gente fez pobre mesmo, sabe por quê? Só podia ser até 11.000 mil pra fazer a sede, comprar material e comprar os teares. Eu trabalhava assim partilha porque era uma comunidade, eram famílias’.<sup>13</sup>

Conforme concluída a construção da sede uma representante do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) esteve visitando o povoado e trouxe a ideia de que seriam necessárias transformações como: a individualidade (onde cada tecelã

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

recebe pelo que produz), a mudança do nome do grupo para um mais comercial e que possua uma história. Portanto para a modificação da denominação do grupo foi proposto pela Ângela que fosse realizada uma votação para escolher um novo nome onde ganharia o mais votado, cujo nome sugerido pela mesma foi Descanso de Rei, já a moça do SEBRAE sugeriu Mãos do sertão que tecem. Houve a votação entre as tecelãs que escolheram Descanso de Rei que a partir daí se tornou uma associação.

‘Chega o SEBRAE e bota na cabeça do povo ganância, aí começou a coisa a ficar quebrada. A moça do SEBRAE quando chegou disse:

- Que nome de santo não sei o que. Tem que ser o nome assim que quando chegue porque, qual é a história.

Aí pronto e por isso aí eu disse assim:

- Então vamos fazer uma chuva de ideias. Depois agora ou é isso, ou é do nosso jeito ou não é, aí fizeram a chuva de ideias e jogaram né. Mas já tava escolhido: Descanso de Rei, por isso, e isso, e isso’.<sup>14</sup>

É evidente que o SEBRAE deu grande auxílio para aquela comunidade, pois o mesmo possuía uma loja no qual eram comercializadas as peças das artesãs e que repassavam o dinheiro para as mesmas, essa renda alcançada com a venda das peças era realizada a cada quinze dias que possibilitava que essas mulheres comprassem mantimentos para sustentar a família. As mesmas também participavam de feiras em diversas cidades onde expunham o seu trabalho.

Para a produção de cada peça e necessário que cada artesã realize uma etapa do processo de produção. O trabalho executado pelas tecelãs ocorre através de teares manuais onde além das mãos os pés são utilizados, para isso elas necessitam fazer esforço físico e estar concentradas com a intenção de produzir uma bela peça. Um fator essencial para atingir a técnica de tecer é que se torna imprescindível conhecer inteiramente a arte de desenvolver cada peça. “Cada produto uma pessoa faz uma coisa diferente, aí é feito por produto, não é por produção. Se fosse produção eu fizesse dez redes e vendesse as minha dez aí só eu ia ganhar. É no coletivo”.<sup>15</sup>

Na comunidade ocorreram diversas mudanças realizadas através da Ângela que sucessivamente buscou melhores condições para aqueles habitantes. Podemos observar que um bom exemplo disso e na parte religiosa onde foi desenvolvido um trabalho de evangelizar com os padres que estavam iniciando essa função, que iam celebrar as missas para discursar sobre Deus. “A comunidade ela era muito atrasada, era na religião, era umas pessoas que era católica mas católico sem saber um direcionamento de ser católico”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

<sup>15</sup> Entrevista com a tecelã Maria Shirley Gonzaga dos Anjos em 17 de novembro de 2017.

<sup>16</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

Em mais uma tentativa frustrada de recuperar a tecelagem Ângela decide registrar em um caderno a duração de uma peça e quanto de material seria necessário para realizá-la, para isso desenvolveu tabelas contendo esses dados que irão facilitar o trabalho das tecelãs. No entanto, as mesmas não se interessaram pela nova forma de tecer e continuaram tecendo da sua maneira. O representante do Artesol (Artesanato Solidário) também esteve no povoado com a intenção de conhecer o trabalho que estava sendo desenvolvido pelas tecelãs e descobriu esse caderno que continha informações essenciais à tecelagem e pegou o mesmo emprestado para tirar uma cópia e no final das contas o caderno desapareceu. “Minha gente vocês tem a galinha dos ovos de ouro na mão e não tão... e não tão sabendo usar. Não tão dando nem ousadia a usar a galinha. Eu vou tirar uma cópia disso aqui”.<sup>17</sup>

Com a finalidade de alcançar algum rendimento com o seu produto muitas vezes é necessário que ocorra uma inserção no comércio, para isso se faz necessário ampliar a fabricação apresentando inovações técnicas para que o produto se torne mais atrativo aos compradores. “A inserção mercadológica de produtos artesanais depende, no nível da produção, de dois fatores, dentre outros: expansão da produtividade e adequação estética”. (LEITE, 2005, P. 7)

Não se pode negar que a mesma inovou apresentando novas técnicas com a finalidade de que as mulheres trabalhassem menos tempo e produzissem mais peças, a peça que não era confeccionada na região era manta de bebê e renderia um bom lucro para elas, no entanto as mesmas alegavam que dava muito trabalho. Apenas a Maze uma senhora tecelã que residia na comunidade se propôs a realizar esse trabalho, no qual rendeu um bom lucro para ambas, porém após um tempo essa mulher deixou a comunidade para residir em outra localidade. Segundo a Ângela

“Olhe eu paguei a ela, eu paguei acho que o dobro de uma rede que ela ganhava. Que a rede que ela fazia na casa dela ela urdia, triturava, urdia, tecia, fazia punho, fazia cadil e botava franja, fazia franja e botava. Quer dizer uma coisa que ela passava digamos que ela fizesse pra fazer uma rede passasse um dia, essa manta ela fazia assim”.<sup>18</sup>

É oportuno lembrar que foi desenvolvido um Projeto para incluir as jovens na tecelagem aprendendo com as idosas, o Projeto foi iniciado com cinco moças jovens, porém aos poucos elas foram se afastando da tecelagem, pois contraiam matrimônio e o tempo que tinham agora era apenas para cuidar da casa, do marido e dos filhos. Desse Projeto somente a

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

Shirley que entrou com catorze anos e se casou permanece até os dias de hoje e se tornou a presidente da Associação.

‘Que como tinha as senhoras, as senhora já tavam querendo sair e desistir ai ela convidou os jovens. Ai trabalhava os jovens e as senhora junto, ai depois elas foram se afastando’.<sup>19</sup>

No total eram 90 mulheres que entendem a respeito deste ofício, porém apenas 10 delas permanecem realizando o mesmo devido ao não reconhecimento do seu trabalho e o seu produto sem ser comercializado. Portanto elas compreendem que a única solução é suspender a arte de tecer, pois o retorno se torna insatisfatório. De acordo com o autor “Em uma comunidade de 90 tecelãs, apenas 10 mantêm o ofício. As demais praticamente abandonaram a arte de tecer por motivos diretamente econômicos”. (LEITE, 2015, p.6)

Dessa maneira ao perceber que o Governo realizava promessas que não podia cumprir e, além disso, ter que ouvir em silêncio determinados comentários negativos a respeito do trabalho que vinha desempenhando na comunidade a mesma decidiu se retirar do seu emprego e ir à busca de outro ofício. Passando assim há trabalhar mais horas em um município próximo a Delmiro Gouveia e com isso a sua dedicação a comunidade foi diminuindo.

‘Que quando eu descobri que o Governo era mentiroso, botava eu pra dizer que o Projeto ia te isso, te aquilo, eu comecei a não dizer mais e eu fui tida como uma péssima funcionária e eu nem liguei, nunca morri de fome, sai da empresa, antes de sair da empresa eu arranjei outro emprego’.<sup>20</sup>

A partir de então foram surgindo pessoas com determinação e garra para ir à busca de melhorias por aquela comunidade, porém a tecelagem foi se tornando desvalorizada, pois o sexo feminino foi envelhecendo e não queria mais ter uma atividade exaustiva. No entanto a mesma notou que aquelas pessoas eram influenciáveis e deste modo foi perdendo o interesse em ajudar aquela comunidade por quem tem grande apreço.

Nota-se que até este exato momento a tecelagem permanece sendo anuladas pela sociedade e com isso as mulheres que se encontravam trabalhando na mesma desistem da sua atividade por a lucratividade ser inferior ao produto. Onde atualmente se encontram trabalhando na tecelagem somente cinco mulheres, algumas já idosas continuam desempenhando esse trabalho em suas residências por conta da idade, a matéria-prima e comprada em Caraibeiras/Pernambuco a partir do lucro que elas têm com as vendas. As peças em sua maioria são feitas por encomendas de pessoas de diversas regiões do Brasil que se encantam com o trabalho realizado manualmente, contudo são produzidas peças sobrando que

---

<sup>19</sup> Entrevista com a tecelã Maria Shirley Gonzaga dos Anjos em 17 de novembro de 2017.

<sup>20</sup> Entrevista realizada com Maria Ângela Feitosa dos Santos em 11 de agosto de 2017.

se encontram na Associação para que o estoque esteja abastecido, no entanto o ganho é em pequenas quantidades e pouco rendimento. “A gente tinha muita gente lá só que foi saindo porque não tinha muito movimento”.<sup>21</sup>

As mesmas também participavam de feiras anualmente em diversas cidades no qual as despesas eram pagas pelo Governo onde expunham o seu trabalho, sendo que levavam as suas peças e o que vendiam era o seu lucro, contudo nos dias de hoje isso foi finalizado. Atualmente a comunidade passou por diversos progressos como: água potável, energia elétrica, escola até o ensino fundamental, uma igreja católica, posto de saúde. Comprendemos que as tecelãs esperam para o futuro próximo é que a tecelagem seja vista como um trabalho manual remunerado e reconhecido pela sociedade.

FIGURA 2 - Peça produzida pelas tecelãs da Associação Descanso de Rei.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi de extrema importância para a principiante pesquisadora, pois a mesma adquiriu experiências sobre as mulheres simples, porém corajosas de uma comunidade do alto sertão alagoano, e no qual irá se reunir a diversas outras pesquisas sobre mulheres que mudaram a sua história fazendo assim com que estereótipos sejam desfeitos.

Nota – se que as tecelãs do Povoado Salgado inicialmente aprenderam a arte de tecer para fazer peças que são utilizadas no ambiente doméstico e a partir daí continuaram com esse trabalho que é realizado apenas por mulheres naquela comunidade, algumas aprenderam com as suas mães, já outras aprenderam com o Projeto de jovens e adultas, e a partir daí vão repassando o que aprenderam para as futuras gerações. Com isso a tecelagem veio transformar a vida dessas mulheres fazendo com que aprendam a tecer e também a ter valores e responsabilidades perante a sociedade.

---

<sup>21</sup> Entrevista com a tecelã Maria Shirley Gonzaga dos Anjos em 17 de novembro de 2017.

Acentua-se que essas pesquisas que surgiram recentemente vêm retratando as mulheres como sujeitos da sua própria história e dando ênfase aos seus combates para entrar em todas as esferas da sociedade. Por fim, o que se espera com essa pesquisa é que possa contribuir para trabalhos futuros.

### Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

CASTRO, Amanda Motta Angelo. **O processo pedagógico invisível desenvolvido por mulheres: o ensino e a aprendizagem da tecelagem manual nas Minas Gerais e no Rio Grande do Sul**. IX ANPED SUL Seminário de pesquisa em Educação da região Sul, 2012.

DRUMOND, Terezinha Bandeira Pimentel. **Tecendo Vidas: cultura e trabalho das rendeiras da Prainha de Aquiraz – CE**, Fortaleza, 2006.

LEITE, Rogerio Proença. **Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir**. In: Olhares Itinerantes: Reflexões sobre Artesanato e Consumo da Tradição, Cadernos ArteSol 1. São Paulo: Artesanato Solidário/ Central ArteSol, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. Ed. - São Paulo: Contexto, 2012.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

PRIORE, Mary del. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetoória da Historiografia das mulheres no Brasil**. POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223 – 231, 2008.

## **ENTREVISTAS**

ANJOS, Maria Shirley Gonzaga dos. Entrevista concedida a Cássia Keline Lacerda Silva. Delmiro Gouveia, 17 de novembro de 2017.

PEREIRA, Maria José Rodrigues. Entrevista concedida a Cássia Keline Lacerda Silva. Delmiro Gouveia, 17 de novembro de 2017.

SANTOS, Maria Ângela Feitosa dos. Entrevista concedida a Cássia Keline Lacerda Silva. Delmiro Gouveia, 11 de agosto de 2017.